

AS MULHERES INVIÁVEIS NAS *MEMÓRIAS POSTUMAS DE BRÁS CUBAS*

Cícera Araújo de Sousa¹
Fabiana Alexandre Martins²
Carlos Gildemar Pontes³

RESUMO: As Mulheres Inviáveis na obra *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, romance realista de Machado de Assis, é o foco desta análise, que tem por objetivo destacar o posicionamento do narrador sobre as personagens, levando-se em conta os aspectos sociais e psicológicos na construção dos perfis das mulheres Marcela, Virgília, Eugênia e Nhã-Loló. Os comentários irônicos do narrador levam-nos a crer que esta representação se constitui numa forma de inviabilizar as mulheres do ponto de vista moral. As personagens femininas são descritas como interesseiras, dissimuladas, sensuais, eróticas, traiçoeiras e caprichosas, certamente pelo fato de que o romance apresenta as opiniões e os julgamentos de apenas uma das partes, no caso Brás Cubas, um homem que não dedicou sua vida a nada de grandioso ou respeitável, inseguro, fracassado, fútil... O que nos levou a pesquisar a caracterização de uma mulher para outra foi à maneira como cada uma representa a visão do amor na vida de Brás Cubas, como também a crítica feita, a partir delas, à sociedade da época de Machado.

PALAVRAS-CHAVE: mulheres; ironia; Brás Cubas.

ABSTRACT: The impossible women in 'Memórias Póstumas de Bras Cubas' (*Brás Cubas's Posthumous Memoirs*), realistic novel by Machado de Assis, are the focus of this analysis which aims at highlighting the positioning of the narrator on the characters, taking into account the social and psychological aspects in the women Marcela, Virgília, Eugenia and Nha-Lolo's profiles. The narrator's ironic comments lead us to believe that this representation constitutes a way to cripple women from the moral standpoint. The female characters are described as selfish, covert, sensual, erotic, treacherous and capricious, certainly by the fact that the novel presents the opinions and judgments of one party only, in the case Brás Cubas, a man who dedicated his life to nothing of great or respectable, insecure, unsuccessful, vain ... What led us to research on the characterization from one woman to another was the way how each of them represents a vision of love in the life of Bras Cubas, as well as a criticism of the society at Machado's time.

Antes de chegarmos às mulheres, primeiramente vamos ao narrador de *Memórias Póstumas de Brás Cubas*. Brás Cubas, um homem sem apegos morais nem sociais, começa a contar sua história depois de morto, assim não devia explicações a ninguém. Era formado em Direito, porém não teve nenhuma conquista profissional. Memórias

¹ Aluna do sexto período de Letras da Universidade Federal de Campina Grande, *campus* de Cajazeiras.

² Aluna do sexto período de Letras da Universidade Federal de Campina Grande, *campus* de Cajazeiras.

³ Professor de Literatura Brasileira da Universidade Federal de Campina Grande, *campus* de Cajazeiras, orientador deste trabalho

Póstumas de Brás Cubas narra a vida do protagonista desde seu nascimento até sua morte (1805-1869), delimitando, assim, o período histórico do Brasil na segunda metade do século XIX, inclusive o Rio de Janeiro, com seus costumes, cultura, entre outros aspectos. Foi um homem que tudo tentou, porém nada realizou.

O narrador-personagem também tem uma visão um tanto negativa das mulheres: seduz Marcela pelo dinheiro [era o meu universo; mas, ai triste! Não o era de graça. Foi preciso coligir dinheiro, multiplicá-lo, inventá-lo. Cap. 15]; envolve-se com Eugênia por sua beleza e deixa-a por uma deformidade física [Esse contraste faria suspeitar que a natureza é, as vezes, um imenso escárnio. Por que bonita, se coxa? Por que coxa, se bonita. Cap. 33,]; e apaixona-se por Virgília por um capricho [Sim senhor, amávamos. Agora que todas as leis sociais no-lo impedem, agora é que nos amávamos deveras. Cap. 57]. E, por fim, Nhã-Loló representa o casamento burguês. É a união arranjada, ou seja, sem nenhum afeto aparente. Era o tipo de moça perfeito para construir uma “boa” família: prendada, educada e com boa aparência física.

As personagens femininas são descritas por ele como interesseiras, dissimuladas, sensuais, eróticas, traiçoeiras e caprichosas, certamente pelo fato de que o romance apresenta as opiniões e os julgamentos de apenas uma das partes da narrativa, a de um homem que não dedicou sua vida a nada de grandioso ou respeitável, inseguro, fracassado, fútil... E, como reflexo de seu ser, suas mulheres lhe faziam jus: Marcela é promíscua, amante dos valores financeiros e sem escrúpulos; Virgília é faceira, pueril, interesseira e mentirosa; Eugênia é coxa, vítima de seu próprio preconceito, sempre triste e melancólica, possui extrema capacidade de dissimulação; e Nhã-Loló era perfeita para o cargo de esposa, mas adoece e morre.

Não nos esqueçamos de que *Memórias Póstumas* é um romance realista, portanto, representa os conflitos do homem burguês, descrevendo, inclusive, suas mais impróprias características físicas e morais. É narrado em primeira pessoa pelo seu belo, mas nada ilustre protagonista, que decidiu, depois de morto, fazer a auto-análise de sua vida. Notamos, a partir desse pressuposto, a diluição do presente e a cristalização do passado, enquanto realidade presente, pois vemos que se trata de uma narrativa diferente - não linear-, relatando, assim, as lembranças de seu narrador morto. E, nessa sua passagem pelo mundo, Brás teve alguns infortúnios.

Começaremos, então, pela primeira mulher de sua vida: ‘a dama espanhola Marcela’, que [...] “Era boa moça, lépida, sem escrúpulos, um pouco tolhida pela austeridade do tempo, que lhe não permitia arrastar pelas ruas os seus estouvamentos e berlindas; luxuosa, impaciente, amiga de dinheiro e de rapazes” (Cap. 15). Logo se via que ela era bem inviável. Diante de tamanha formosura, Brás Cubas deixa-se apaixonar perdidamente. Esse seria o seu primeiro envolvimento carnal. O deslumbramento é tanto que o narrador dedica um capítulo com o nome de Marcela (Cap. 15). Ao mesmo tempo usa de ironia clássica para dizer a maneira como chegou até Marcela. Para isso, faz uso da mitologia grega, quando cita Zeus – deus criador –, e da literatura espanhola – Dom Quixote – ao fazer uma comparação crítica entre a ideologia de Sancho Pança – fiel escudeiro de Dom Quixote – e a sua própria ideologia para conquistar Marcela.

Marcela aparece na narrativa um pouco depois de Virgília, no capítulo quatorze, já que a estória começa com o narrador ainda no seu leito de morte, moribundo e Virgília tinha ido visitá-lo. Marcela era uma mulher volúvel, capaz de mentir para tirar proveito da situação. Muitos amores já vividos “Não percebeste que era mentira que eu dizia isto para te molestar? Vem cá, Chiquito, não sejas assim desconfiado comigo...” (Cap. 15). Morria de amores por Xavier, amava Duarte... Era uma mulher que amava muito, principalmente a quem a mimasse mais e não tratamos aqui de gracejos e carícias e, sim, de jóias, dinheiro, afinal ela já não possuía a ‘inocência rústica’. Guardava tudo numa caixa de ferro. Não gostava, porém, de passar por interesseira; possuía seus caprichos para conseguir o que queria. Não se compadecia com pedidos humilhantes, nem se aborrecia com súplicas, o que importava para ela, o que a deslumbrava, fascinava-a, eram os pedidos mais concretos, aqueles acompanhados de presentinhos caros. A recompensa pelos caros presentes era um belo momento de amor com muitas carícias e fantasias sexuais. O que não foi diferente com Brás: “Marcela amou-me durante quinze meses e onze contos de réis; nada menos” (Cap. 17). Percebe-se um traço comum dos romances maduros de Machado de Assis: a representação da sociedade burguesa do Segundo Reinado com suas damas elegantes e ambiciosas custeadas por homens da alta sociedade que se mostravam de bom caráter e fiéis às esposas, mas, na realidade, não passavam de libertinos.

Afinal, de que valeu para Marcela toda a vaidade e a luxúria? Bexigas! E um cubículo empoeirado e escuro. Sua paixão pelo lucro a consumira. Quem diria que uma mulher com tantos amores e tanto para gastar pudesse acabar feia, magra, decrépita, abandonada num hospital. Marcela não seria de ninguém mesmo. Sua ambição foi o caminho para o seu esquecimento. No início da narrativa, Marcela é linda, impecável, bela; no final do romance, que demarca também o final de sua vida, ocorre a sua desconstrução: uma mulher de rosto amarelo e bexiguento. “Não podia ter sido feia; ao contrário, via-se que fora bonita, e não pouco bonita; mas a doença e uma velhice precoce destruíram-lhe a flor das graças” (Cap. 38).

Agora, tratemos de Virgília. Ela, além de ser a primeira das mulheres citadas na obra, é descrita de maneira minuciosa. A descrição acontece desde a roupa que ela usa, até a forma como se comporta diante dos acontecimentos. Virgília ocupou muito tempo da vida de Brás. A princípio, o autor fala superficialmente da paixão arrebatadora que ambos sentiam, depois faz uma ponte entre o tempo do romance que viveu e o momento atual: “Dois grandes namorados, de paixões sem freio, nada mais ali, vinte anos depois...” (Cap. 06). Mesmo depois de vinte anos a beleza de Virgília não desaparecera “tinha agora a beleza da velhice, um ar austero e maternal” (Cap.06)

Virgília, inicialmente, foi um nome sugerido pelo pai de Brás Cubas para noiva. Estava, então, com 15 ou 16 anos. Atrevida, voluntariosa, bonita, fresca, clara, faceira, pueril. Um anjo segundo o pai de Brás, o que podemos interpretar de duas maneiras: a primeira delas seria por sua beleza, sua brancura; a segunda, talvez, por sua passividade diante da sociedade patriarcal do século XIX, como também por seu papel de boa moça ao lado de um possível homem político. Para Brás Cubas, seu pai não exagerava nos

elogios, “uma jóia, uma flor, uma estrela, uma coisa rara...” (Cap.37) e, no fim de um mês, estavam íntimos.

Virgília, porém, se transforma de um “diabrete angelical” (“Positivamente era um diabrete Virgília, um diabrete angelical” (Cap. 43)), numa dama volúvel, interesseira, quando troca o pavão pela águia, ou seja, preferiu o título que Lobo Neves podia lhe dar. Depois de alguns anos, Brás Cubas reencontra a antiga namorada que, até então, teria sido apenas um namoro da juventude. Ao revê-la, fica embevecido com sua transformação física e afirma que o casamento a deixou muito mais bela e atraente. Aos olhos de Brás, Virgília, depois de casada, transformara-se numa mulher esplendida, sendo que “a natureza e a maturidade lhe haviam dado o último apuro” (Cap. 50), de corpo magnífico e flexível. Brás não consegue ficar indiferente a essas transformações. Não hesita e inicia o jogo de sedução que, mais tarde, culminaria com o adultério entre os dois. A partir do momento em que o amor dos dois torna-se proibido com advento do casamento, Brás sente-a mais sedutora e envolvente “... apertei-lhe a mão com muita força e ela deixou-a ficar, como esquecida, e eu a abraçá-la e todos com os olhos em nós” (Cap. 50). Enfim, começa o romance proibido.

Ela tinha alguns momentos de remorsos, mas, com a chantagem de Brás, se esquecia de tudo e se entregava àquele amor desesperadamente. O segredo, o crime, a aventura a excitava muito. Mulher sem caráter, mentirosa, tinha habilidades invejáveis de enganar seu marido. Era religiosa, mas não ia à missa, não simpatizava com as beatas. Seus dotes físicos e morais eram elogiados por todos. Ao mesmo tempo, essa personagem é enfatizada como uma pessoa risonha, serena e com esse aspecto imaculado que faz lembrar Maria, a mãe de Jesus. A maneira como ela se comporta diante da sociedade e do próprio filho faz com que o leitor acredite na versão de Brás.

Para Lobos, Virgília simbolizava a perfeição, um conjunto de qualidades sólidas e finas: era amável, elegante, austera. Com tantas qualidades que já tinha antes do casamento e agora com tantas outras que adquirira depois do enlace matrimonial, só podia causar interesse ao nosso herói. Além de ser o equilíbrio de Brás, Virgília era o símbolo da mulher provocante, sedutora, atraente capaz de enfeitiçar qualquer homem. O narrador faz questão de deixar claro essas qualidades provocantes da personagem: “lépida, jovial, como a menina que torna do colégio” (Cap. 77).

Era uma amante cordial da nobreza e da boa vida. Tinha um carinho exagerado por seu tio Veiga, até ele morrer e não deixar nada para ela, “nutria grandes esperanças que esse velho parente, avaro como um sepulcro, lhe amparasse o futuro do filho, com algum legado”(Cap. 96). Poderíamos pensar, se fosse em outra época, que ela só queria deixar um amparo para seu filho. Engravidou de seu amante. Ficou “com medo do parto e do vexame da gravidez”. Apesar da alegria em receber seu amante, se queixava de falta de atenção, porque Brás Cubas só queria saber do filho, o que mostra seu egoísmo em relação à atenção do amante para com o próprio filho. Queria todas as atenções só para ela. Estava “mais expansiva, mais sem reservas, menos preocupada com os outros e com o marido”, mas, infelizmente, ela aborta.

Sempre tranquila, “sem comoção, nem susto”. No capítulo nonagésimo sexto, o adultério ia maravilhosamente bem, segundo o narrador, mas o marido descobre ‘quase tudo’- por meio de um bilhete que recebera anonimamente. Nesse momento, Virgília mostra todo o seu poder de persuasão. Contesta o marido; diz que é intriga política. Já em relação ao amante, reage de maneira fria e calculista. O acontecido não a deixa desapontada, ao contrário, articula muito bem o disfarce. Seu cinismo acentua-se no dia em que Lobo Neves chega à casinha dos amantes. Ela atira-se em seus braços, dissimulando, com muita naturalidade (e era sincera assim), a surpresa em vê-lo. Virgília ia se tornando cada vez mais inviável.

Virgília muda-se de cidade. Então, tudo fica bem. Só pede ao "caro amigo" Brás Cubas, por meio de um bilhete (com letra grossa e desigual), que faça alguma coisa por D. Plácida, que se encontrava doente. Lobo Neves morre e Virgília chora a morte de seu marido, e eram lágrimas de verdade: “Virgília traía o marido com sinceridade e agora o chorava com sinceridade” (Cap. 17). Não há mais nada entre os dois amantes. Os amantes só se encontrariam novamente no leito de morte de Brás, muito comovida e ainda de preto, com voz amiga e doce. Porém, não menos cínica e dissimulada do que antes, pois tratou com desdém e indignação um romance que certa amiga mantinha fora do casamento. O amor de Virgília, como todo amor burguês da época, era dotado de conveniências socioeconômicas. Preferiu Lobo Neves a Brás Cubas: a posição social do primeiro lhe daria o título de baronesa, motivo pelo qual o escolheu “[...] Virgília perguntou ao Lobo Neves, a sorrir, quando seria ele ministro”. [...] - Promete que algum dia me fará baronesa?”(Cap.43)”.

Analisando o papel da personagem Virgília do ponto de vista conjugal, pode-se afirmar que ela não se sentia nem um pouco preocupada em ferir o marido, pois o traía dentro da própria casa. Percebemos a intenção do autor ao criar uma personagem burguesa, com valores também burgueses, mas com o instinto animal apurado a tal ponto de fazê-la esquecer as regras sociais. O amor carnal vence o social. Lobo Neves representa o único com perfeição singular. Basta lembrar quando ele recebe a carta anônima e pede para Virgília confessar-lhe tudo. Caso ela confirmasse a traição, ele a perdoaria “instou com a mulher que lhe confessasse tudo, porque tudo lhe perdoaria” (Cap. 96).

Eugênia, mocinha morena, 16 anos, quieta impassível. “Idéias claras, maneiras chãs, certa graça natural, um ar de senhora e não sei se alguma outra coisa; a boca exatamente a da mãe” (Cap. 32). Era coxa! Eugênia é descrita com certa seriedade e muito sarcasmo, opondo ao que sua mãe afirma: moça prendada, educada e respeitada. É notória a maneira fria e debochada como o narrador refere-se à Eugênia. A começar pelo nome: Eugênia significa bem nascida, mas o narrador-personagem a chama de “a flor da moita”, ou seja, é filha de um caso e não do matrimônio. Depois de nos apresentar minuciosamente as características de Eugênia, Brás Cubas sabiamente deduz o motivo pelo qual ela é tão triste, tímida. “-Não, senhor, sou coxa de nascença.” (Cap. 32) O “problema físico” tornava-a reservada. E a crítica continua, a tal ponto de ele fazer um contraponto entre o defeito físico e a beleza da menina Eugênia “uns olhos tão lúcidos, uma boca tão fresca, uma compostura tão senhoril; e coxa!” (Cap. 32). Através do adjetivo ‘tão’, o narrador dissocia perfeição de imperfeição e aprofunda sua crítica aos padrões

sociais: só tem algum prestígio na sociedade quem é realmente “perfeito”. Se é que existe perfeição.

No capítulo seguinte, reforça o sarcasmo chamando-a de a Vênus Manca. Na mitologia grega, Vênus é a deusa do amor. Enfatiza a adjetivação mediante o emprego de iniciais maiúsculas. Ao mesmo tempo em que o narrador define-a como pura, angelical, desconfia dela, pois a mãe foi concubina e, de um caso, nasceu a flor da moita. Ela tinha sua beleza, e era tanta que encantou Brás Cubas, que a adorava e até pagava qualquer preço por um rostinho bonito, mas se tornou inviável pela própria natureza.

A fim de ironizar o adultério, ou seja, ironizar a si próprio, é claro, coloca em cena a personagem Eugênia, filha de adúlteros. O fruto desse amor proibido é duplamente marcado pelo narrador: pelo nome e pelo físico – chama-se Eugênia e é coxa. Não bastasse o defeito, o narrador nomeia-a ironicamente e não atinge só a ela, mas também sua genitora Eusébia, que significa religiosa. Vemos, mais uma vez, a presença da negação em Brás Cubas: a filha da moita possui o nome que significa “de nobre família” sua mãe tem o nome que significa religiosa, no entanto, teve um romance com um homem casado.

Aparece a questão do parentesco para confirmar a tese do Realismo/Naturalismo, que afirmava que o ser humano era influenciado pela raça, pelo social e pelo meio. Segue falando de Eugênia nos capítulos posteriores, comparando-a com Diana – deusa da sabedoria –, Vênus, anjo, enfim, mistura do bem e do mal. Depois de ironizar o quanto pode da bela “flor da moita”, o narrador ataca uma das instituições mais sólida da época: o casamento. Mesmo a moça sendo de família, bonita, não seria capaz de conquistar o homem. Vemos, também, a crítica à passividade da mulher, principalmente, da mulher romântica.

A quarta mulher a ser apresentada é Nhã-Loló, filha de família burguesa decadente. Ela aparece bem depois dos devaneios amorosos de Brás Cubas, ou seja, na sua segunda juventude. Representa a tentativa de resposta à sociedade que ele deveria dar. Não a amava, mas ela era um tipo que a sociedade aceitava para ser esposa, mãe e dona de casa. Era tão pura, tão angelical que os anjos a levaram para junto do pai aos dezenove anos de idade. Talvez essa personagem represente a crítica aos românticos. Um dos pontos dela se comportar diante do namoro: a singeleza, a doçura que ela passa para o leitor, quando está ao lado de Brás Cubas. Esses aspectos são considerados romanescos, diferentemente das características realistas que a obra enfatiza. Nhã-Loló morre de febre antes que se consumasse o romance, tornando-a irrevogavelmente inviável.

As quatro mulheres que participam da vida amorosa de Brás Cubas diferem-se em vários aspectos umas das outras. Marcela representa o profano, a descoberta do prazer carnal, ao mesmo tempo em que significa avareza, ambição e interesse financeiro. Eugênia representa a moça prendada, de família – mesmo não sendo fruto do matrimônio –, pronta para casar, mas infelizmente é coxa. “É bonita, mas é coxa”. Virgília é o grande amor de Brás Cubas. A mulher capaz de virar o seu mundo com um simples olhar. Virgília é plena de sedução, pecado, feitiço e, por que não dizer, uma mulher feita para o amor da cabeça aos pés. E Nhã-Loló tinha a beleza da conveniência social.

Assim como os demais projetos de vida de Brás Cubas, os seus amores não deram certo. O amor de Marcela fracassou, porque ela não amava um homem só, mas todos. Não era de ninguém. Nunca estava sozinha. O namoro entre Eugênia e Brás não deu certo por um simples motivo: ela era coxa. Já o enlace matrimonial com Virgília não se realizou porque Lobo Neves foi mais inteligente e conseguiu conquistar a confiança política de seu pai. Como tudo tem uma recompensa na vida, talvez, se Virgília não tivesse trocado Brás por Lobo Neves quando solteira, eles não tivessem vivido uma bela história de amor, mesmo sendo adúlteros. Por último, temos o casamento encomendado por Sabina, irmã de Brás Cubas, a Nhã-Loló. E, mais uma vez, tudo fracassa. O possível enlace conjugal foi interrompido pelo destino: a noiva morreu de febre amarela e com ela levou os sonhos que Brás Cubas tinha de construir uma família.

Os amores de Brás diferem em tudo, desde a maneira de ser, de viver, como também a maneira de morrer: Marcela morreu de moléstia no hospital da Misericórdia, em total abandono e miséria. Nhã-Loló foi-se de forma repentina e triste, na flor da idade. Quanto às demais: Eugenia foi morar num sobrado miserável, sozinha e muito triste. Virgília ficou viúva, mas continuava bonita, pois a beleza não a abandonou com o passar dos anos. Percebe-se a intenção do narrador-personagem em enfatizar a supremacia de Virgília diante dos outros amores.

Assim como em *Dom Casmurro* temos a história do casamento e do adultério narrado do ponto de vista do marido ciumento, vinte e sete anos após a separação e alguns anos depois da morte de Capitu, em *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, a mesma história é narrada da perspectiva do amante, também longe dos fatos: doze anos depois de sua morte e trinta e nove anos depois de ter-se tornado amante de Virgília.

Segundo Luis Filipe Ribeiro (1996, p. 259):

Este romance é constituído numa sucessão de relações amorosas de Brás Cubas. A primeira, aos dezenove anos, com Marcela, uma espanhola de vida airada; a segunda com Eugenia – filha ilegítima de Dona Eusébia; Virgília, a noiva prometida e sonogada, foi o número três; Nhã-loló encerra a lista.

Das quatro relações, duas foram consumadas: com a prostituta e com a adúltera. As outras duas não passaram de namoricos, sem consequências mais sólidas. Percebe-se a repetição negativa da visão feminina no romance. Marcela finge, é dissimulada, pois mantém os dois amantes, sem que um deles fosse informado da circunstância – O Xavier depõe as insíneas (Cap. 15). A própria mãe de Brás Cubas, ao desviar algum dinheiro, para fornecê-lo clandestinamente, não deixa de enganar ao pai e ser, também, dissimulada.

É notável o não cuidado em amenizar as constatações finais de Marcela. O uso estilístico marcado pela adjetivação crua enfatiza magnificamente a qualidade atribuída a ela: bexiguenta. Logo em seguida, emprega uma forma pouco usual: o infinitivo pessoal pretérito – o verbo ser que indica o estado ou qualidade permanente, ou seja, não podia ter sido feia, equivale a um eufemismo ao contrário, ao invés de afirmar que ela tinha sido bonita – optando por negar-lhe a feiúra, num primeiro momento. Mais adiante, diz-nos:

via-se que fora bonita e conclui, ainda negando, que fora não pouco bonita. O processo eufêmico é usado de forma inusitada. Seu uso habitual é para atenuar a dureza de uma afirmação, de alguma forma, desagradável.

Encontramos nas mulheres de *Memórias Póstumas* seres universais. Mesmo retratando o Brasil do século XIX, são mulheres que apresentam não só os costumes daquela época, mas que possuem características psicológicas e sociais encontradas no mundo.

Segundo Lúcia Miguel-Pereira (1973, p 73):

É sem dúvida alguma a universalidade, que se manifesta inicialmente pela rejeição do romance de costumes [...]. Sem nem por sombra desdenhar o Brasil.. “Por que a sua visão ia mais longe e mais fundo, buscava a natureza do homem, as molas secretas das suas reações”. (p. 65) Há momentos em que a crueldade minuciosa, fria, repisada dos exames a que procede, dessecando ações e intenções dão impressão de cinismo.

O matrimônio é discutido em *Memórias Póstumas*, assim como na maioria dos romances do autor, de forma comercial. A mulher casava-se para, de certa maneira, ascender financeiramente, porque não exercia nenhuma atividade remunerada antes e muito menos depois do enlace matrimonial. A condição de mulher casada dava algumas regalias na sociedade, desde o ingresso da mesma na roda dos políticos, como no meio dos intelectuais, já que era vista positivamente ao lado do marido, com a finalidade de influenciá-lo a ampliar os negócios da família. Esse olhar financeiro diante do casamento é notável quando Virgília escolhe Lobo Neves a Brás Cubas, pois o primeiro lhe daria um *status* mais elevado na sociedade e ela usufruiria tanto financeira quanto socialmente dos prestígios proporcionados por ele.

Percebemos o tema conjugal por meio da personagem principal da trama, Virgília, enfatizada por um ângulo mais formal do que emocional, pois nesta obra o que está em primeiro plano é a individualidade com suas contradições e ambiguidades, deixando, assim, o casamento e os casos amorosos em si num segundo plano. Talvez por isso, Virgília não tenha nunca abandonado seu casamento para assumir e viver o grande amor com Brás Cubas, preferindo, assim, o bem estar social que seu marido lhe proporcionava às carícias amorosas de seu amante.

Esse olhar financeiro diante do casamento é notado em Stein (1984, p. 78), que diz: “Virgília colocava a própria audácia a serviço da manutenção do seu amor; mas para manter o inigualável status de mulher casada, devia contrapor a audácia à conservação das aparências”. Ou seja, mesmo não sentindo amor pelo marido, a possibilidade de deixá-lo é descartada, pois, caso acontecesse à separação, ela perderia o lugar de esposa na sociedade. Como o casamento na segunda metade do século XIX era um grande negócio para a mulher, assim como era a formatura e a vida política para o homem, ela teria de manter as aparências, a fim de permanecer com seu lugar de destaque.

Machado de Assis retrata a moral vigente no Brasil daquela época sem nenhuma preocupação em se identificar com ela. Não cobra a nenhum dos três envolvidos no

triângulo amoroso as regras estabelecidas, como também não os “pune” pelo procedimento transgressivo, nem mesmo a Virgília, estando na qualidade de mulher, a própria adúltera – decorre daí o caráter amoral do romance.

Stein (1984), ao tratar da condição e do papel sociais experimentados pelas mulheres do século XIX, afirma também que “as mulheres dos romances machadianos não tem qualquer autonomia como tais; ali aparecem em função do que é masculino”.

Para um escritor como Machado de Assis, a doutrina Realista/Naturalista não era o clima ideal, pois ele era antes um transfigurador da realidade do que um mero retratista; antes o criador de uma obra semelhante à vida do que uma cópia da realidade. Mediante ironia sarcástica denunciava a hipocrisia da sociedade burguesa da época. Dessa maneira, embora usando alguns dos processos da escola, como o método autobiográfico, observação da realidade, a técnica dramática da narração, a estrutura orgânica, certa frouxidão de enredo, visava à aproximação da realidade e o retrato do homem. Tinha clara consciência da diferença entre a arte e a vida, o que já o distanciava dos ortodoxos realistas/ naturalistas.

Machado não seguia a estética a que pertencia, ironizando-a na maioria das vezes em suas obras. Diferentemente dela, Machado sabia encarar a literatura como um corpo de símbolos e convenções. Sabia que a missão do artista era, à custa daqueles símbolos, artifícios e convenções, criar um mundo especial, semelhante ao real, que despertasse uma ilusão da vida, sem ser a vida. Ou seja, narrar verossimilmente suas estórias, sem deixar a fantasia literária excluída, a fim de prender a atenção do leitor até o final da obra, despertando nele a curiosidade indispensável a uma boa leitura – o que não se encontrava na maioria dos realistas desse país (AFRÂNIO COUTINHO, 2005).

De acordo com a escritora norte-americana Susan Santag, Machado de Assis era engraçado, se referindo ao uso da digressão como técnica obsessiva de aproximação com o público. De fato é uma marca machadiana o apelo afetivo ao receptor: caro leitor, querida leitora. O autor consegue, assim, fugir do discurso principal, revelando uma autonomia fascinante. Nesta obra, o autor é livre para exercer a ironia e a melancolia e convoca o leitor a acompanhá-lo nos volteios de sua subjetividade, sempre o tomando pela mão, pede-lhe não só paciência, mas principalmente tolerância, provocando-o, mas antes de tudo o tem em alta conta de espectador íntimo da sua capacidade de narrar.

A realidade da época de Machado de Assis transparece, na obra em questão, no que diz respeito à subordinação da mulher ao homem dentro do matrimônio. Marcela com sua vida profana vivia às custas de homens que buscavam nela sua beleza e prazer carnal, o que ela tinha de sobra, porém é arrebatada por uma doença que a desfigura e acaba abandonada. Provavelmente, se tivesse um marido ao seu lado, teria ao menos um fim mais digno, mas o caminho escolhido por ela não deixou nenhum sentimento mais sublime para lhe dar outra chance de morrer em paz. Virgília, típica burguesa da época, casa-se por interesse. Apesar do amante, nada a fez deixar o título de baronesa, nem mesmo uma paixão avassaladora e recíproca, aspiração interior das mulheres românticas brancas e puras de alguns séculos antes. Eugênia talvez não tenha tido a chance de poder

escolher o seu destino, pois tinha uma deformidade que incomodava não só a ela, mas principalmente que nem sua beleza magnífica a fez lutar por uma vida melhor e acabou sozinha, por isso triste. Nhã-Loló era perfeita para esposa, porém morre antes do fato consumado, como já foi descrito anteriormente. Seu destino seria certo e seguro, em todos os sentidos, de ser mãe e esposa exemplar, digna da sociedade em que vivia.

Portanto, a felicidade dessas mulheres estaria ao lado de um marido, já que não há a menor referência à questão profissional, a não ser Marcela, que herda de “[...] um homem, que a amara outrora [...]”, uma loja de ourivesaria “[...] mas, para que a desgraça fosse completa, era agora pouco buscada a loja. Talvez pela singularidade de dirigi-la uma mulher”. (Cap. 38). Era, então, o casamento que possibilitava à mulher reconhecimento e posição social na época. Além de casar, tendo em vista a posição social do noivo, evidentemente, quase mais nada vinha ao caso. (INGRID STEIN, 1984).

As mulheres de *Memórias Póstumas* se tornavam inviáveis ou por escolha ou por insatisfação pessoal ou até por simples golpe do destino: a ‘dama espanhola’ nunca seria digna de ocupar o cargo de esposa naquela sociedade, por seu passado impuro; o ‘diabrete angelical’ teve seu capricho de mulher, mas já tinha um marido; a idéia de ver sua noiva entrando na igreja mancando não agradou Brás; e o coração de pérola morrera sem mais delongas. E, assim, o destino de Brás Cubas seria, inconformavelmente, a solidão.

Referências Bibliográficas

COUTINHO, Afrânio. **Introdução à Literatura no Brasil**. 18ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

MACHADO DE ASSIS, José Maria. **Memórias Póstumas de Brás Cubas**. Revisão: Antônio Sanseverino e Luís Augusto Fischer. Porto Alegre, RS: Editora L&PM POCKET, 2008.

MIGUEL-PEREIRA, Lúcia. **Prosa de Ficção: de 1870 a 1920**. 3ª ed. Rio de Janeiro: J. Olympio; Brasília, DF: INL, 1973.

RIBEIRO, Luis Felipe. **Mulheres de Papel: Um Estudo do Imaginário em José de Alencar e Machado de Assis**. Niterói, RJ: EDUFF, 1996

STEIN, Ingrid. **Figuras Femininas em Machado de Assis**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984. (Coleção Literatura e Teoria Literária, v.54).